

NELSON RODRIGUES E AS PÍLULAS DO SABER

Aluno: Manoela Ferrari

Orientador: Marília Rothier Cardoso

Introdução

A postura questionadora de Nelson Rodrigues se reflete numa escrita capaz de deslocar o leitor, trazendo-o para dentro do texto. Quando o enunciado de um pensamento “afeta” o leitor e sobrevive às instâncias do tempo, considera-se que ele encerra um objeto de reflexão. À luz desse raciocínio, este trabalho se fundamenta na aposta da construção de um saber epistemológico inserido nas frases e crônicas aqui selecionadas.

Ao propor as narrativas breves rodriguianas como “gêneros literários” fragmentários tentamos apreender a natureza do que está em jogo nessa escrita, elaborada tal qual um “projeto”. O inacabamento constitutivo deste projeto é o que ele tem de melhor devido à capacidade de, ao mesmo tempo, idealizar e realizar imediatamente uma pequena obra de arte. A fragmentação é, portanto, compreendida aqui como separação e isolamento, que tanto reconduz à totalidade como rompe com a mesma.

Demonstrando afinidade com os conceitos propagados pelo romantismo alemão, Nelson Rodrigues não ambicionou dissipar o caos. Pelo contrário: ajudou a construí-lo, organizando um “saber” a partir da desordem. Caminhando na duplicidade da paródia, amparado pela “ironia”(Witz), o escritor brasileiro afirmou o seu próprio caos como gênero, instalando em suas narrativas breves um lugar que surge como potência de produção de saber.

Objetivos

Analisar o processo de manipulação do *corpus* escolhido (crônicas e frases do escritor), apontando para os recursos retóricos estrategicamente utilizados para fabricar “semelhanças” no caos heterogêneo do mundo. Apontar para as relações inéditas entre fatos aparentemente dessemelhantes. Explicitar as diversas possibilidades de significação inseridas nesses textos, ressaltando o dialogismo advindo do pressuposto da cumplicidade do leitor para interpretá-los. Rastrear os caminhos pensamento do autor, buscando alcançar o raciocínio implícito nas entrelinhas. Interpretar o *corpus* selecionado em sua perspectiva ensaística, considerando-o como construção literária geradora de saber.

Metodologia

Como ponto de partida, esta pesquisa aborda a definição do fragmento na tradição da filosofia ocidental, o “aforismo”. Nas crônicas e frases de Nelson Rodrigues podemos verificar a exploração das potencialidades da língua, destacando a construção frasal, capaz de provocar significações variadas e impactantes. Com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta o “instante” breve dos acontecimentos cotidianos e lhe confere uma complexidade despercebida pelo público, levando-o, através da liberdade criadora, a uma reflexão até então obscurecida.

Manipulando todos os recursos estilísticos e as artimanhas da retórica, Nelson Rodrigues alcançava o despistamento temático: “imitando” a estrutura de conversas coloquiais, o cronista começa a falar de um tema e conduz o leitor a reflexões mais complexas, apontando contradições da moral convencional, com humor desconcertante. Com esse poder de nos projetar para além do que está impresso, Nelson Rodrigues reafirma a sua condição de artista, ao recriar a vida em seus mínimos detalhes, especialmente aqueles que podem estar camuflados.

Segundo Descartes, é reconstruindo o mundo a partir do caos primitivo que o sujeito dá a medida do seu saber e do seu poder (ou seja, simplesmente constitui-se sujeito). Neste sentido, a escrita fragmentária ratifica a figura do escritor como autor/criador – o sujeito da

operação crítica, cujo estatuto se fundamenta num dos conceitos mais conhecidos do romantismo: o *Witz* (chiste).

As crônicas e fragmentos de Nelson Rodrigues buscam uma nova forma de acabamento que “mobilizam” (tornam móvel) o “todo” ao interrompê-lo (fragmentá-lo). Nesse sentido, estabelecem uma tensão fragmentária que não exclui a totalidade, mas a ultrapassa, inserindo uma contradição de um “inacabamento que se acaba”, concluindo-se e interrompendo-se no mesmo ponto. Além dessa característica, há um espírito de chiste (*Witz*) estruturante nesses escritos breves rodriguianos. Apesar de sua completude, as crônicas e frases de Nelson Rodrigues possuem uma aparência “fraturada”, deixando sempre uma fenda a ser preenchida não somente pelo ato de leitura, mas principalmente pelo da reflexão.

Este trabalho se justifica porque pretende preencher uma lacuna a respeito da investigação reflexiva sobre a produção narrativa cotidiana de Nelson Rodrigues (alçando-a ao mesmo patamar da sua tão propagada dramaturgia), analisando o seu processo de construção do saber a partir de crônicas e fragmentos.

Conclusões

A liberdade criadora inserida nas crônicas e nas frases de Nelson Rodrigues não se limita à estética literária. Ela se dirige à liberdade criadora do leitor e o incita a recompor a obra pela leitura (que é, ela também, criação). Segundo Novalis, o fragmento é um “germe”, uma “semente literária” que insere não só uma sementeira como também uma futura colheita. O gênero do fragmento, portanto, é o gênero da “geração”. O saber, aí contido, possui “espírito de devir”, em forma subjetiva e especulativa. Cada fragmento vale por si mesmo, em sua individualidade. Podemos inserir as narrativas breves de Nelson Rodrigues nessa concepção de “aforisma”, uma vez em que as mesmas também indicam um processo e não um “estado” de saber. Ao ligar a observação empírica do cotidiano à sua produção artística, Nelson não só produz literatura, como também cria um saber epistemológico.

Referências

- 1 - ARRIGUCCI Jr., Davi. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Schwarcz, 1987.
- 2 - CASTRO, Ruy. (Org.) **Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- 3- LACOUÉ-LABARTHE, P. & NANCY, Jean-Luc. A exigência fragmentária. **Terceira Margem**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. IX, 10: 67-94, UFRJ, 2004.
- 4- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- 4 - RODRIGUES, Nelson. **O Óbvio Ululante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 7ª reimpressão.
- 5 - RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- 6 - SCHLEGEL, Friedrich. **O dialeto dos fragmentos**. São Paulo: Iluminuras, 1997.